

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

VOLTE SEMPRE, SENHOR PRESIDENTE!

por Mário Soares

1. O presidente francês é um político errático, que parece incapaz de estar quieto, para reflectir e que muda de local com a mesma facilidade com que muda de ideias ou de estratégias.

Por outro lado, parece gostar mais de ter à sua volta a Comunicação Social - e os seus amigos multimilionários - do que os políticos, quer sejam seus pares, a começar pelo Primeiro Ministro, quer seus conselheiros. Os seus conterrâneos, imbuídos ainda hoje do que resta do espírito cartesiano, lógico, racionalista - e da ideia "de la grandeur de la France" e de Paris, como o centro do Mundo (que já não é) - estão a ficar cada vez mais chocados com a falta de auto-controle, devido ao seu estatuto e ao respeito pela função de Chefe de Estado. As sondagens não enganam e não param de descer.

Na semana que findou, o imparável Senhor Sarkozy resolveu fazer uma visita oficial, de 38 horas, com pompa e circunstância, ao Reino Unido, para beneficiar do prestígio e da distância cordial de Sua Majestade a Rainha, com meio século de experiência. Vinha a calhar... Fez-se acompanhar, naturalmente, de sua belíssima Esposa, procurando tirar partido do seu incontestável charme, discreto, um tanto tímido, como a circunstância aconselhava.

Contudo, os tabloides ingleses, implacáveis, traíram-no. Publicaram, com o maior destaque, fotografias da antiga top-model e actual Primeira Dama, quase nua, com os seus encantos bem à vista. O que não deve ter chocado nada os britânicos, antes pelo contrário, mas que deve ter ferido o orgulho gaulês, do outro lado da Mancha, onde se esperaria outro recato.

Claro que os jornais não se calaram, mesmo os mais circunspectos, e as fotografias, tão apetecidas, deram a volta ao Mundo. "Volte sempre, Senhor Presidente", escreveram os jornais do Reino Unido, à laia de despedida. E acrescentaram: "desde que venha acompanhado da sua encantadora Esposa"...

Mas a viagem de Sarkozy ao Reino Unido - e ao seu par, muito menos mediático, Gordon Brown - teve outra vertente, bem mais séria: a política. No discurso feito por Sarkozy, perante as duas Câmaras, excedeu-se em elogios ao Reino Unido e ao seu "modelo democrático". Propôs a recriação de algo mais íntimo ainda do que a "entente cordiale", entre a França e o Reino Unido, um projecto triangular que passa pelo Atlântico, se bem entendi, cujo vértice principal estará em Washington. Pobre De Gaule, por que águas quer navegar o seu putativo herdeiro...

Sabendo-se que o motor franco-alemão parece estar em panne e que as relações entre a Senhora Merkel e Sarkozy não serão as melhores, as palavras de mel devem ter caído bem em Londres, claro. Mas... e na Europa? E em Berlim?

Ora a Europa que, como tenho escrito, ainda não conseguiu sair do impasse em que está há anos, apesar de, formalmente, o Tratado de Lisboa ter sido subscrito, mas não ratificado, por todos os vinte e sete membros da União, não ficará nada fortalecida com essa paixão súbita de Sarkozy pelo Reino Unido. Bem pelo contrário...

No momento de incerteza - e de crise - que o Mundo atravessa, a Europa mereceria ter políticos mais corajosos e prudentes, capazes de fazer a construção europeia avançar a sério, com o motor franco-alemão a trabalhar em pleno. E não - como Sarkozy - políticos que, pela sua incoerência e permanentes improvisações, possam mesmo sem o desejar arrastar, a Europa para perigosas aventuras e, ainda por cima, sem trazer nada de bom para a França.

2. Atenção ao Kosovo. Os Balcãs são, desde sempre, uma das regiões da Europa politicamente mais delicadas e problemáticas. A proclamação unilateral da independência do Kosovo - ainda que possa ter sido desejada e justa, foi inesperada e imprudente. No quadro de uma iniciativa de adesão simultânea à União Europeia não teria sido difícil consegui-la. Mas assim, quando alguns países membros da União, de fresca data, já a apoiaram, sem consulta prévia dos seus outros parceiros europeus, pode representar um risco grave. Por isso achei bem que o Governo português, antes de se pronunciar, tenha esperado para poder ouvir a Comissão Europeia, os seus parceiros e as razões das duas partes envolvidas.

Lisboa, 1 de Abril de 2008